

## BIBLIOGRAPHY

- Barata, Felipe Themudo. *Relatorio...* (A Report on Industry, Agriculture... Second Plan of Development. Planning Orientation). National Archives of Portugal (PIDE/DGS NT 8973), Dili, 30 March 1961, pp. 1232-1262.
- Berlie, Jean A. *East Timor. A Bibliography*. Paris: Indes Savantes, 2001.
- . 'Anticorruption in East Timor: Implications for Development and Education'. *Asian Education and Development Studies*, vol. 1. no. 3, 2012, pp. 251-261.
- Chinese and Money (CM, newspaper article author not known): 'Labele hanoin de'it osan' (in Tetum) (Do not be concerned by money). *Jornal Nacional Diario*, 7 May 2013.
- Chinese Schools (CS). National Archives of Portugal (PIDE/DSG, SGGU NT 8971, p. 1010.
- Chinese Society (CSoc). National Archives of Portugal (PIDE/DSG, SGGU NT 8979, No 12/72-DU, pp. 897-899.
- Chinese in Southeast Asia (CSEA): <http://factsanddetails.com/Asian.php?itemid=2729&catid=66&subcatid=417>. Accessed on 28 May 2013.

- Chinese Tycoon, Lay San Ying (Manatuto 1931- Perth 2008( ?) (CT). National Archives of Portugal (PIDE/DSG, NT 8971, p. 1010.
- Correia, V.P. and M.F. Rola-Rubzen (Curtin University of Technology Perth, Western Australia, 'Linking Farmers to Markets' (a case study: Linkages between horticulture farmers and markets are being developed in East Timor), c. 2010.
- 'Government of East Timor, August 2012' (GET), *Tempo Semanal*, 5 August 2012.
- Gunn, Geoffrey C. *Timor Loro Sae: 50 Years*. Macao: Livros do Oriente, 1999.
- Reid, Anthony. *Imperial Alchemy. Nationalism and Political Identity in Southeast Asia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- Wise, Amanda. *Exile and Return Among the East Timorese*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006.

## RESUMOS

**ICAS 8 e a Ascensão da Ásia**

Esta introdução destaca a importância teórica da Ásia na promoção de um entendimento mais pluralista e menos hegemónico da humanidade. Discute a perspectiva e os obstáculos no processo e sublinha o papel do ICAS 8 em tal empenho.

[Autor: Tak-Wing Ngo, pp. 6-11]

**A Ásia está em Ascensão. Mas qual a Direcção? Reflexões sobre um Discurso Emergente**

O artigo aborda uma série de questões levantadas pelo discurso da "Ásia em ascensão", e oferece reflexões críticas não só sobre a ascensão da Ásia, mas também sobre o discurso da "ascensão". Inicia-se com o reconhecimento de que o desenvolvimento trouxe transformações significativas a muitas sociedades asiáticas, nas relações inter-estatais em toda a Ásia e, no mapa geopolítico do mundo. A publicidade sobre "a ascensão da Ásia", no entanto, camufla problemas não menos urgentes de desenvolvimento desigual dentro e entre as sociedades, a marginalidade política efectiva ou marginalização de significativas populações, a transferência de recursos materiais e intelectuais a favor das transacções globais em detrimento das necessidades locais, a destruição ambiental, a pressão sobre os recursos, os conflitos étnicos, a desorientação cultural, a incoerência e o crítico conflito inter-estatal. Estes problemas são amplamente reconhecidos, mas frequentemente varridos para debaixo do tapete como distorções do passado, com a promessa de resolução imanescente uma vez a crise actual terminada e as rugas sanadas. O autor sugere, inversamente, que eles são produto da incorporação dentro do sistema capitalista global, ou que foram exacerbados por ele, e as suas complicações não são apenas nacionais ou "asiáticas", mas globais. Apesar dos benefícios imediatos reconhecidos, o desenvolvimento através da incorporação no capitalismo global neoliberal lançou essas sociedades em caminhos que não são mais sustentáveis na "Ásia" do que noutras partes.

[Autor: Arif Dirlik, pp. 12-31]

**A Internacional e o Projecto do Porto de Macau de 1922-1927**

A cidade de Macau, o governador Artur Tamagnini Barbosa e o seu irmão João, em conjunto com o general Gomes da Costa e o Dr. Rodrigo Rodrigues, desempenharam o papel de maior relevância nos movimentos políticos globais jamais relatado. Era um papel que claramente ligava a mudança revolucionária em Portugal à evolução de Macau e Sul da China. O general Gomes da Costa e o Dr. Rodrigues representavam extremos opostos do ponto de vista político português, quando ambos foram destacados para Macau de 1922-1924. Rodrigues veio como governador; Gomes da Costa como chefe de uma missão militar para o Extremo Oriente. Rodrigues chegou para facilitar a construção do projecto do Porto Exterior de Macau, quando simultaneamente Sun Yat Sen construía o KMT e dava corpo ao Exército Revolucionário em Cantão com a assistência do Comintern. O general Gomes da Costa voltaria a Portugal em Maio de 1924 e, dentro de 24, meses liderava o lendário golpe de 28 de Maio de 1926 que iria derrubar a Primeira República Portuguesa e inaugurar 48 anos de um regime de partido único, sob Salazar. Este artigo explana a razão pela qual dois adversários políticos foram simultaneamente enviados para Macau.

Dr. Rodrigo Rodrigues, adepto de longa data do Partido Democrático esquerdista de Afonso Costa, era chefe do sistema penal Português quando o novo governo republicano implementou uma campanha anti-clerical e anti-monárquica viciosa na sequência do golpe de estado de Outubro de 1910. Após o golpe militar do general Gomes em Maio de 1926, Rodrigues ficaria afastado de qualquer cargo no governo, e com o advento de Salazar em 1928, nunca mais exerceria um cargo governamental. No entanto, continuaria a publicar artigos de opinião na imprensa de Macau em língua portuguesa até à sua morte, em 1960. [Autor: Paul Spooner, pp. 32-43]

**Clandestinidade e Controle: O Congresso de Macau do Partido Comunista da Indochina (27-31 de Março, 1935)**

Sem dúvida, as organizações clandestinas têm uma longa história em Macau, se pensarmos em proto-republicanos e maçónicos na era da monarquia, associações e triádes na tradição chinesa, e o tema deste artigo, os comunistas ocultos, não chineses, mas vietnamitas. Assim como a clandestinidade pode ser definida como a qualidade ou estado de sigilo ou furtividade do controle ou vigilância, a fim de alcançar as metas, por vezes ilícitas, a derradeira Macau colonial oferecia um espaço liminar. Aparentemente desconhecidos das autoridades portuguesas, os comunistas vietnamitas escolheram este local para realizar a primeira conferência nacional do recém-formado Partido Comunista da Indochina e trazer a Macau um verdadeiro "quem é quem" da primeira geração dos líderes comunistas vietnamitas e das minorias étnicas. No entanto, não obstante o carácter clandestino da organização, os códigos de sigilo, uso de pseudónimos, etc, foram comprometidos e penetrados, não pelas autoridades salazaristas mas pelos franceses. Este artigo visa oferecer algumas verdades sobre clandestinidade como um tropo, as organizações clandestinas no final da Macau colonial, a ligação transitória entre o Vietname e Macau como sinalizado pelo encontro de delegados da conferência, a questão ainda contemporânea de extradição de casos políticos e o Congresso do Partido Comunista da Indochina em si.

[Autor: Geoffrey C. Gunn , pp. 44-57]

**Identidade de Macau, os Chineses e Outros Grupos. Uma Década Após o Retorno à China**

A identidade é um conceito chave no século XXI. A Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) tem uma identidade única. Com base numa longa pesquisa entre 1995 e 2012, a definição da identidade dos chineses de Macau e outros residentes da RAEM

## RESUMOS

é um modelo para que se compreenda uma realidade social e económica complexa baseada em 500 anos de história. Os chineses de Macau falam Cantonês, um facto social inevitável. Na RAEM, para lidar com a complexa realidade do Cantonês, Mandarim e dos “caracteres chineses tradicionais” na Lei Básica (I-9) temos apenas duas palavras: “Língua Chinesa”. No entanto, não podemos negar a importância do Cantonês. A Lei Básica de Macau é uma lei constitucional e, em particular, o seu “modo de vida” é a base da identidade “legal” (I-5). O Cantonês é parte integrante. A moderna ópera Cantonense constitui outra “matriz”. Em Março de 2013, o grupo de ópera cantonense Jiangmen esteve a Macau. O Português, como língua oficial, tenta encontrar um espaço linguístico entre o Inglês e o Mandarim, tendo como suporte o Brasil e o mundo lusófono. Ambas as línguas, Portuguesa e Chinesa, são oficiais. No entanto, excepto durante as cerimónias oficiais “não-chinesas” ou, por exemplo, para se conseguir um emprego ou tirar um diploma universitário, o Português não é realmente promovido na RAEM. O conceito da RAEM de “chinesice” domina a identidade, mas a Lei Básica é o direito constitucional de Macau. Há, de facto, algumas diferenças culturais, no entanto, 5.000 anos de história atestam que ser “Chinês” significa algo ligado a identidade, sociedade e cultura. Antes de qualquer outro traço cultural, os chineses residentes na RAEM têm uma identidade atribuída pela “língua chinesa”. O “modo de vida” da Lei Básica (I-5), a economia e os residentes permanentes, fazem parte do quadro “legal” da RAEM. No entanto, a mudança social desempenha um papel importante. [Autor: Jean A. Berlie, pp. 58-71]

### Conflito e Fusão entre as Culturas Orientais e Ocidentais na Perspectiva da Arte Sacra em Macau

Este artigo tenta aprofundar o fenómeno do intercâmbio das artes sino-ocidentais devido à introdução da arte sacra em Macau durante os séculos XVI e XVII, a partir de diferentes perspectivas

e abordagens, e centra-se no impacto e importância da integração das diferentes nações e culturas. A arte ocidental foi introduzida na China através da arte sacra, com a sua forma especial de expressão e linguagem. O processo desde a introdução, à localização e saída da arte em Macau, também pode ser considerado um processo de contacto, conflito e fusão entre a Arte Oriental e Ocidental. A arte sacra em Macau não só herda a tradição da arte sacra ocidental como também combina as características da cultura e pintura chinesas, sendo entretanto influenciada por outras culturas asiáticas. Os primórdios das artes plásticas em Macau desempenham um papel importante na comunicação e integração das culturas chinesa e ocidental através da absorção e criação de obras de arte sacra. [Autor: Lan Wang, pp. 72-78]

### Os Francesas e as Novas Tendências Arquitectónicas em Cantão, 1767-1820

No século XVIII, a França exerceu uma influência cultural que se espalhou muito além das fronteiras do país. Com início no final dos anos 1760, essa influência estendeu-se a um trecho da frente ribeirinha de Cantão (Guangzhou). Na que já era uma agitada área comercial fora dos muros da cidade, vários edifícios foram alugados (e, por vezes mais tarde, adquiridos) por membros da comunidade de comércio internacional, incluindo os funcionários das várias empresas europeias das Índias Orientais. Os edifícios, propriedade de um grupo de comerciantes chineses conhecidos como mercadores *hong*, albergavam não só escritórios e espaço de armazenamento, mas também acomodações. Mas os *hong* eram muito mais do que apenas edifícios de conveniência. Sendo o símbolo mais visível da presença de uma nação em Cantão, tornou-se o rosto dessa nação na China e a sua fachada a expressão externa do sucesso nacional no comércio de Cantão, altamente competitivo. No final dos anos 1760, os franceses realizaram a primeira de uma série de reformas nas fachadas dos seus *hong*. As reformas, que

inicialmente tornaram os *hong* visualmente distintos, logo foram sendo emuladas por uma série de outras nações. Os franceses não foram apenas líderes no estilo, mas também actuaram como intermediários na arquitectura, especialmente nos primeiros anos, por seus restauros que combinavam elementos da arquitetura vernacular cantonense com os de origem europeia. [Autora: Susan E. Schopp, pp. 79-87]

### A Imagem da Mulher como Reflexo da Mudança na China

A imagem da mulher na arte chinesa mudou substancialmente desde que se tornou a personificação do desejo, no final do século XIX, ou um pouco mais cedo, quando a proscricção confucionista contra o retrato sensual das mulheres enfraqueceu. Em meados do século XX, a imagem da mulher reflectia o roteiro artístico determinado pelo estado para demonstrar o sucesso das suas políticas sociais. Mais tarde, artistas masculinos utilizavam a figura feminina para expressar sentimentos pessoais: inicialmente para expressar optimismo no futuro e, seguidamente, para representar decepção quanto aos inúmeros problemas associados com o rápido avanço para o capitalismo, destruição da natureza, da cultura nativa e responsabilidades éticas. As mulheres na sociedade contemporânea da China ainda são limitadas por valores patriarcais estabelecidos pelo confucionismo. Poucas mulheres têm ascendido nos negócios ou na política, e a população feminina está a diminuir, graças à prática do aborto selectivo. A sua situação reflecte-se também no papel limitado que desempenham no mundo da arte – quer exibindo em museus e galerias ou gerindo instituições de arte. Talvez seja essa marginalidade e fragilidade que inspira os artistas masculinos a utilizar a imagem de mulheres para expressar as suas esperanças, sonhos e desilusões. Ao averiguar a representação das mulheres executada por mulheres artistas descortina-se uma posição mais realista do corpo feminino, em comparação com as imagens uniformemente glamorosas feitas por artistas masculinos. Também revela

o envolvimento das artistas na luta pela auto-investigação através do auto-retrato. [Autora: Patricia Eichenbaum Karetzky, pp. 88-95]

### Contestando os Níveis de Il / legalidade das Imagens de Arte Urbana na China

Um número crescente de pessoas em todo o mundo considera a cidade como uma enorme tela e tem por objectivo animar o cenário monocromático. Desde meados da década de 1990 este fenómeno visual, em constante mudança, deixou gradualmente a sua marca nas paredes das grandes cidades chinesas. Embora a criação ilegal constitua o valor fundamental para a maioria dos criadores de imagens de arte urbana na China – especialmente para os representantes da “velha escola de grafiti”, as percepções de ilegalidade são claramente contestadas através de uma variedade de actividades legais e semi-il/legais por parte dos criadores, cidadãos e também funcionários. Através de um número seleccionado de exemplos recentes de Pequim, Xangai, Hong Kong, Macau e Shenzhen, examino neste artigo como os níveis de imagens de arte urbana legais, semi-legais, semi-clandestinas e ilegais dependem da interacção de quatro variáveis, ou seja, o formato e o conteúdo das imagens de arte urbana, o comportamento do criador e o local físico em questão. Com base em períodos de intenso trabalho de campo desde 2006, que me permitiram documentar as cenas com milhares de fotografias, observar pessoalmente eventos e actividades e dar-lhes seguimento através de reuniões repetidas e entrevistas aprofundadas com vários actores da cena de arte urbana, o objectivo é esclarecer o tipo de impacto que estas quatro variáveis têm neste complexo processo de negociação de il/legalidade. [Autora: Minna Valjakka, pp. 96-117]

### Tecnologia de Impressão e Transferência de Conhecimento: O Elo Cultural de Poder na Ásia Oriental no Início do Século XX

Um recente estudo mostrou que o capitalismo editorial na Ásia Oriental, no início do século XX, foi facilitado

por uma mistura criativa de culturas estrangeiras e locais edisseminou-se através de um teia regional de circulação do conhecimento. Mais significativamente, o capitalismo editorial na Ásia Oriental esteve ligado (e, em alguns casos, foi resultado de) à expansão do mercado leitor, onde as exigências de textos impressos aumentaram rapidamente, devido às mudanças sociais e políticas. Para esclarecer a complexidade da transferência de tecnologia no início do século XX na Ásia Oriental, este ensaio centra-se em duas imprensas chinesas de Xangai: a da Associação para a Preservação da Aprendizagem Nacional (*Guoxue baocunhui yinshua suo*, 1905-1911) e a Commercial Press (*Shangwu yinshuguan*, 1897-até ao presente). No início do século XX, a primeira tirava o seu lucro da reimpressão de livros e obras de arte antigas, e a segunda tornou-se a maior editora de livros didácticos no país. Em ambos os casos, a tecnologia de impressão mecanizada do Ocidente permitiu-lhes produzir um grande número de livros, revistas e textos à velocidade da luz. Juntas, demonstram a vasta audiência que a moderna imprensa chinesa serviu à medida que a sociedade chinesa se tornava mais fluida e diversificada no final do período imperial. Acima de tudo, mostram a importância da teia de circulação de conhecimentos da Ásia Oriental, quando ambas as contaram com tecnologia japonesa para melhorar a qualidade dos textos reproduzidos. [Autor: Tze -ki Hon, pp. 118-126]

### Fé e Caridade: A Gestão Cristã dos Desastres no Sul da China

Um bom exemplo da força de uma comunidade é a sua capacidade para lidar com crises. Isso foi particularmente verdadeiro para os cristãos falantes de Chaozhou, do nordeste da província de Guangdong, na década de 1920. Este artigo examina como os Chaozhou Baptistas e Presbiterianos se socorreram dos recursos sócio-religiosos para lidar com os efeitos devastadores de um tufão em 2 de Agosto de 1922. A gestão cristã de desastres constituiu uma operação de grande escala, de multi-camadas que

mobilizou um grande número de missionários estrangeiros, líderes religiosos, professores nativos da missão, alunos e fiéis locais para reconstruir as comunidades atingidas e preencher o vazio institucional deixado por um Estado fraco no início da era republicana. [Autor: Joseph Tse-Hei Lee, pp. 127-138]

### Chineses Timorenses e Chineses em Timor-Leste

No século XIV, nas regiões costeiras da ilha de Timor, os chineses estavam entre os primeiros interessados em negociar o rico sândalo. Em Díli, mais de cinco séculos depois, o Pagode Guandi e o Cemitério Chinês (*Cina Rate* em tétum) – no subúrbio de Audian – são lembranças históricas da presença dos chineses Hakka em Timor-Leste. Para atestar a evolução da educação em Chinês basta mencionar que, na década de 1980, a Escola Secundária Chinesa de Díli estava activa. Esta escola pública é famosa porque é actualmente uma importante mesa de voto em Díli; no entanto, a língua chinesa deixou de lá ser ensinada. Este artigo apresenta brevemente a minha pesquisa sobre os chineses Hakka de Timor-Leste, principalmente da província de Guangdong, e outros chineses Han que vieram mais tarde, após 2000. Explica por que tantos chineses se fixaram em Timor-Leste (nome oficial Timor Lorosae) para desenvolver o seu talento empreendedor. [Autor: Jean A. Berlie, pp. 139-144]